

CADÃO
VOLPATO

ABAIXO
A VIDA
DURA

FARIASILVA

Rio de Janeiro, 2023

LIBERDADE E LUTA foi uma tendência estudantil dos anos 1970 ligada à OSI, Organização Socialista Internacionalista, e, por consequência, às ideias revolucionárias de Leon Trótski e sua IV Internacional. O nome teria saído de uma frase de Spinoza: “Só há liberdade quando se luta pela liberdade.” A organização era chamada de Libelu por seus detratores e foi a primeira a defender a palavra de ordem “Abaixo a ditadura” na volta dos estudantes para a rua, em 1977. Seus militantes eram, por extensão, os “libelus”. Nem todos os libelus, porém, foram militantes da OSI e da IV Internacional ou usaram nomes de guerra para se proteger da polícia da ditadura, como era obrigatório nas organizações clandestinas.

O INSTANTE

NA FOTOGRAFIA, eles estão rindo enquanto caminham, da esquerda para a direita, em fila indiana.

Passam em frente às grades de um portão. Vê-se ao fundo uma rampa e um policial lá no alto.

Que lugar seria aquele?

Talvez o prédio da FAU, ou poderia ser o da faculdade de história.

Pelas roupas, pelos cabelos, é a USP no tempo da ditadura. Disso tenho certeza. Conheci aquelas pessoas.

Do que estariam rindo?

Uma das meninas é Nice, e vai de mãos dadas com Max. Ela estudava na ECA. Ele estudava na FAU.

O cara alto e magro, de bigode, é Aldo. Algumas pessoas o chamavam de Bigode.

O de cabelo *black power* imenso é Hilton.

A menina linda de cabelos pretos, ainda mais pretos na foto em preto e branco, é Anna Lupo. À frente dela vem alguém calçando mocassins, parece um bi-cão; depois dele, Luiz, nosso Buda.

Por último, um sujeito feio, com um jornal enfiado no bolso traseiro. Só o cabelo dele é bonito, poderia ser o de um poeta simbolista. É Ivan, um libelu.

Para onde vão?

Há uma faixa ao fundo, com poucas letras visíveis. Mas dá para apostar que saiu de um rolo de papel cor-de-rosa. Eram quase todas assim, faixas com palavras de ordem que foram pintadas no chão salpicado de tinta de algum centro acadêmico perdido no *campus*.

O que estaria escrito naquela faixa? *Abaixo a Ditadura* ou *Pelas Liberdades Democráticas*?

Que Aldo estivesse ali, não fazia muito sentido. Ele era um militante do movimento operário que acordava todo dia antes do nascer do sol para bater ponto numa fábrica. Fez ciências sociais por um tempo, mas acabou virando um anfíbio do PC do B que morava numa república de estudantes (com Luiz, Nice e Max).

Deve ter sido por camaradagem.

Anna Lupo era da minha classe na ECA. Na lista de presença, Anna Lupo Silva. Seu corpo bonito, seu porte altivo, o jeito de andar tão veloz que não consigo descrever, mas que parecia arrastar a paisagem com ela, os olhos escuros irradiando alegria e fome de viver. Sua família era dona de uma cantina conhecida. Ela também era uma libelu.

Um amigo me enviou a fotografia pelo celular, perguntando: “Você se lembra? Onde você estava? Por que não estava lá?”.

E eu, que na época era só um menino caipira recém-saído da escola pública, mera testemunha ocular da história, tive inveja daquele instante.

A CASA E A ÁRVORE

ERA COMO UMA casa no campo, nos fundos do Butantã. Um burro costumava pastar mansamente às margens do córrego que acompanhava a rua de terra onde ela ficava, e uma densa neblina descia em certas manhãs de inverno. Era chamada de Casa da Árvore pela vizinhança, porque uma grande figueira fazia sombra sobre ela.

A vida dos moradores transcorria debaixo dessa sombra. As conversas costumavam começar ou terminar lá fora, e com “lá fora” queria dizer *debaixo da figueira*. Era uma frase que dava calafrios em Nice, porque, ao ouvi-la, ela sempre se lembrava da fábula da menina que foi enterrada debaixo de uma figueira pela madrasta má.

Aldo ocupava o primeiro quarto da casa. Alto e magro, quando deitava no colchão de solteiro estendido direto sobre o chão, seus pés ficavam de fora. Tinha um armário, com poucas roupas penduradas em cabides de arame, uma cadeira com assento de palha e uma escrivaninha, tudo comprado de segunda mão no Hospital do Câncer.

No quarto ao lado, Max e Nice dormiam abraçados em uma cama com colchão de molas. Veio da casa dos pais de Nice, que moravam no interior, era sua cama de infância. No inverno, passavam frio, e também por isso dormiam abraçados, já que estariam nus, pois viviam trepando. Ninguém ali usava pijama. A cama fazia muito barulho, com o qual as pessoas da casa meio que se acostumaram.

No terceiro quarto, Luiz estava sempre lendo debaixo de um estranho abajur de pernas compridas, cada perna uma lâmpada, mas apenas uma funcionava. Ficava sentado em uma almofada em posição de Buda, um Buda cheio de cabelos. Tinha uma cama de viúva, tudo comprado na mesma leva do Hospital do Câncer, assim como as coisas da cozinha: uma mesa de fórmica com duas cadeiras, um fogão velho e uma geladeira praticamente vazia, a não ser pela comida que Aldo levava para o trabalho em uma marmita. Ninguém cozinhava.

Aldo e Luiz se conheceram na USP e abandonaram ao mesmo tempo o curso de ciências sociais. Luiz prestou vestibular outra vez e entrou em filosofia. Aldo foi militar numa fábrica. Mas eles continuaram morando juntos.

Nice e Max vieram por intermédio de um amigo comum, que sumiu do mapa nos primeiros anos da universidade. Já chegaram inseparáveis.

Na comprida sala de visitas para onde davam as portas dos quartos, havia um sofá de couro desgastado, alguns pufes e um tapete felpudo que Max trouxera um dia, não se sabe de onde. Algumas pessoas se deitavam nele e conversavam até dormir por ali mesmo.

Nos fundos da casa, ao lado do banheiro, havia um quartinho apertado que ninguém usava. Celeste, que aparecia uma vez por semana para fazer a faxina e preparar a comida de Aldo, às vezes se sentava em um banquinho lá dentro e fumava enquanto observava, por exemplo, um raio de sol entrando pela janela e iluminando partículas de poeira que dançavam no espaço. Uma distração para a hora do café, que ela tomava da própria garrafa térmica, caso não houvesse café na casa.

Celeste fazia arroz e feijão, que deixava guardados na geladeira, e Aldo só tinha o trabalho de estrelar

um ovo em cima deles. Celeste adorava Aldo, a quem era fiel e em quem achava tudo bonito. Se estava no quartinho e alguém vinha puxar conversa, ela era meio lacônica. Não tinha muito assunto com quem não fosse o Aldo.

Seu dinheiro estava sempre sobre a mesa no dia em que ela vinha, e a primeira coisa que fazia era guardá-lo embolado numa carteirinha que tinha sido um porta-níqueis no passado. Ela possuía veículo próprio.

Não era raro encontrar Aldo na rua, de volta do trabalho. Ela esperava até dar a hora certa, mesmo que já tivesse terminado o serviço. Celeste, então, pegava seu carro e buzina feliz quando o encontrava, nesse acaso premeditado.

Se chovia muito forte, o córrego transbordava e inundava a rua, e Celeste não ia trabalhar. Ela ficava triste sem conseguir imaginar como Aldo poderia ter saído para o trabalho.

O ponto de ônibus mais próximo ficava na avenida. Ali passava o ônibus que demorava para chegar e que levava até as portas da USP, onde se deveria fazer a baldeação para um circular branco de faixa azul e laranja na lateral. Ele ia e voltava em movimento perpétuo pela Cidade Universitária.

VISITANTES

LEO, LEONOR CARDUCCI (como esquecer esse nome de diva de ópera?), também era fã de Aldo. Leo pertencia a outra classe, Luiz notou logo na sua primeira visita, quando ela chegou no frio usando um casaco vistoso, de oncinha, a bordo de um Aero Willys preto que tinha alguma coisa de presidencial na lataria brilhante, o nariz de bico de ave canora, as sobrancelhas desenhadas.

Leo estava apaixonada por Aldo, todo mundo sabia, embora ninguém comentasse na frente dos dois. Estava na cara. Eles tinham sido colegas no cursinho. Agora ela fazia jornalismo na ECA, um ano à frente de Nice. À primeira vista, não tinha nada a ver, mas acabou se integrando à paisagem. Aldo é que não parecia a fim dela.

Em geral, quando Leo aparecia, ele não teria chegado ainda. Então ela ficava esperando. Se tivesse

alguém com quem conversar, conversava. Tinha um inesperado senso de humor. Na frente de Aldo, esse humor concorria com a devoção.

Leo sempre buzina ao chegar, e as crianças da vizinhança gostavam de espiar no interior do Aero Willys. Ficavam intrigadas com a alavanca de câmbio na coluna de direção. Muitas vezes, Luiz e Leo passavam horas conversando no tapete da sala de visitas. Ele dizia que ela era a motorista de um carro-tanque e que tinha lido todos os livros.

Ninguém se lembra de como Hilton e seu imenso *black power* apareceram pela primeira vez, mas era como se estivessem por ali desde o começo. Ele era um menestrel de violão sempre debaixo do braço, um velho Del Vecchio do qual não se afastava nunca e que soava diferente, como nenhum outro, entre o afinado e o desafinado. Vinha tocando macio no ônibus, descia dando adeus a algum passageiro que por ventura botasse a cabeça para fora da janela, pegava a rua de terra e já chegava na república cantando.

Também era querido pelas crianças, e os moradores da casa sentiam que faltava alguma coisa quando ele não estava por perto. Gostava de ficar num canto da sala, sentado em um pufe, ouvindo a conversa e providenciando a trilha sonora. Vivia circulando pela

ECA, a FAU e a história, mas não se sabia qual delas ele cursava, e mesmo se cursava alguma delas.

Quanto a Anna Lupo, Nice a tinha trazido. Ela a chamava de “minha amiga trotskista, minha amiga libelu”.

AMOSTRA

O TRABALHO

ALDO ACORDAVA antes do nascer do sol, fazia o café, fritava o ovo e o colocava, estrelado, sobre o arroz e o feijão na marmitta (no refeitório da fábrica, havia uma espiriteira com a qual se aquecia a marmitta em banho maria). Ele não gostava muito do que comia, mas até aí, tudo bem. Às vezes espiava a mistura da marmitta ao lado, que a pessoa comia com gosto. Não se importava muito, até achava engraçado não ter tanto apetite. De certa forma, mimetizava o que seria comer com voracidade, para não parecer diferente.

Para chegar à estação ferroviária, onde pegaria o trem que o deixaria não muito longe da fábrica, ele andava um bom pedaço ainda no escuro. Seu turno começava às 7 horas e terminava às 17 horas. Era puxado. Ele usava sempre a mesma japona xadrez muito gasta e calçava um de seus dois pares de sapatos, aquele mais bruto reforçado com uma sola grossa. Já ia vestido com o macacão.

Quando fazia calor, ia em mangas de camisa e levava o macacão dentro de uma bolsa de plástico, dobrado junto com a marmita. Não parecia um operário para os outros operários. Trabalhava numa linha de montagem. Tinha feito um curso noturno para operar as máquinas. E sempre levava um livrinho na bolsa, junto das outras coisas. Quase não tinha tempo para o livro, fosse ele qual fosse.

Suas reuniões de célula eram sombrias, burocráticas, semanais, e ele segurava firme os bocejos de cansaço, fixando o olhar em quem estivesse falando como se da boca da pessoa fosse sair uma revelação mortal. Nunca saía — eram só relatos burocráticos. Ele tinha um contato na fábrica que os companheiros de célula chamavam de “seu” (dele) Paulão. Paulão que comia com gosto a mistura, de colher, sempre ao seu lado, e que não era um cara grande, e mesmo assim era “ão”.

Aldo pensava em como todos davam duro naquela fábrica, e no refeitório, que era uma imundície. Quem sabe não caberia ali um levante? Pensava no ovo estrelado e nos conselhos que Paulão lhe pedia sobre a mulher, cuja imagem ficava suspensa no ar, um rosto desconhecido que ele preenchia de várias formas, sempre modificado, um corpo bem-feito

que Paulão não se cansava de realçar com uma risada meio boba.

Pensava nas respostas evasivas que dava ao ouvir as perguntas sobre a Casa da Árvore, o lugar onde dizia que morava sozinho, mas só por enquanto, pois pretendia se casar um dia. E que esse dia estava bem longe. E nunca dizia Graças a Deus, pois era comunista e, portanto, ateu; coisas que Paulão ainda não sabia, mas devia suspeitar.

AMOSTRA